



O RETRATO

Sérgio Buarque de Holanda

CONCLUINDO o volume inicial de *O Tempo e o Vento*, o sr. Érico Veríssimo deve ter deparado com o primeiro obstáculo sério ao seu intento de fornecer-nos, com este romance, um painel cíclico de proporções monumentais.

O problema que teve de resolver na elaboração daquela parte inicial fôra nitidamente um problema de ordem técnica: veio da necessidade de manter-se intato o foco de interesse, o núcleo vivo de um tipo de narrativa que pretende abranger o desenvolvimento de diferentes e sucessivas gerações. Que o romancista soube sair-se bem de tamanhas dificuldades é o menos, creio eu, que se pode dizer em face do resultado.

Acontece, porém, que no primeiro volume o sr. Érico Veríssimo situara-nos a altitudes perigosas para uma ação que, em seus prolongamentos necessários, há de projetar-nos sobre o presente. Desde o pórtico do monumento começamos a respirar uma atmosfera que se diria deliberadamente épica se a idéia de deliberação não soasse falso no caso de um autor menos guiado talvez pelo arbítrio e esforço pessoal do que por alguma predestinação incorrigível: espécie de romancista pela graça de Deus, que não necessita para suas criações do rigor, nem da paciência, nem da meticulosidade e parcimônia dos artífices.

O epílogo de *O Continente*, que forma o primeiro volume do extenso tríptico, deixa-nos entre as lutas sangrentas de 93, que historicamente, parecem também assinalar o ocaso dos "tempos heróicos" no seu Rio Grande.

EM uma obra de cunho largamente histórico, a parte imediata, representada agora em *O Retrato*, que forma o segundo vo-

lume (*O Tempo e o Vento*, II. *O Retrato*, Editora Globo, Pôrto Alegre, 951), terá de refletir a vida provincial, minguada e sonolenta, que tende a prevalecer em todo o período seguinte, até ao marco final deste livro, que cai em 1915. E embora não se conheça por ora a última parte do tríptico é lícito imaginar esta parte como um intermezzo onde o movimento inicial, agora sofreado, espera ocasião para recobrar o ritmo e timbre momentaneamente perdidos. Na espécie de calma podre que ele quer refletir há muito lugar para a intriga burguesa, para o falatório de aldeia, para a sofisticação ou rudeza provincianas, para o amor público e o recluso, que podem formar a matéria normal de uma boa novela de costumes.

Assim entendida, como pausa e descanso obrigatórios, no meio de uma viagem tumultuosa, esta segunda parte não irá destoar fatalmente no conjunto do painel épico. Sucede, entretanto, que depois dessa pausa, iremos descambar em cheio na vida contemporânea. E aqui o autor deverá enfrentar provávelmente o ponto nevrálgico de seu empreendimento. Porque a epopéia, pela sua própria natureza, requer alguma distância no tempo, distância que compõe harmoniosamente os acontecimentos, que suprime o acessório, que lima arestas e vai banhar o todo nesse clima de vaga irrealidade ou idealidade, que faz parte de qualquer obra artística — mesmo a mais voluntariamente "realista" — com uma perícia inacessível ao simples engenho humano. A evocação do passado glorioso, ou antes, do passado que a imaginação nostálgica teve tempo de tingir de suas próprias cores e deixar envolto nas *lacrimae rerum* é o ambiente verdadeiramente inseparável de toda Épica.

CONTUDO o mesmo problema que, neste caso, nos pode deixar incrédulos quanto ao bom êxito final da tentativa do sr. Érico Veríssimo, serve para constituir, em *O Retrato*, um elemento de tensão e vibração íntima, capaz de generosamente compensar a estriteza de certos padrões novelísticos convencionais, e um tanto gastos pela usura, em que, po-

outros lados, é moldada a narrativa.

O mundo de *O Continente* está longe de estabilizar-se completamente e mumificar-se neste entreato. A mudança dos tempos não dissipou o halo das heróicas virtudes que já se associaram ao antigo Sobrado. Ali continuam os dois velhos, testemunhos da boa tradição dos Cambarás e dos Terras. E o presente, por sua vez, já está penetrado do futuro, dominado pela esperança inconsciente de horizontes novos que, por alguns vislumbres, se deixam pres-



sentir. Aliás esse futuro latente enfeixa literalmente, e emoldura, todo o romance, que principia, como em muitos filmes cinematográficos, com o relato de acontecimentos bem posteriores à ação desenvolvida, explicáveis de algum modo por ela, e termina com outra "faixa" de futuro, imediatamente relacionada àquele lead inicial, e só de modo indireto ao transcorrer da narrativa.

Conquanto nenhuma das personagens novas alcance a magnífica estatura das outras, das antigas, não lhes falta, no entanto, alguma coisa das qualidades excelsas que em épocas anteriores e mais propícias tinham notabilizado um Licurgo Cambará, ou mesmo da tenacidade agreste que se encarna em uma das criações mais admiráveis do sr. Érico Veríssimo e de toda a nossa novelística moderna: a tia Maria Valéria.

Contudo o ambiente morno da Santa Fé das duas primeiras décadas deste século, fase em que se desenvolve a ação do romance, não oferece campo largo para o

(Concluí na 6.ª página)

uma no verso

★ O RETRATO

(Conclusão)

exercício de tais forças. Virtudes em expectativa, ou antes, em disponibilidade, aparecem elas, por isso, momentaneamente estagnadas. Rodrigo, o primeiro "doutor" da família Cambará — e figura central do livro — busca na aventura amorosa, nas disputas inconsequentes, numa elegância quase efeminada, no gosto dos manjares famosos e dos vinhos caros, na "prodigalidade conspícua", para falar como certos sociólogos, nas ocupações honoríficas, na poesia, no jôgo, na música, no gesto arriscado, um substituto imediato para a ação em que seus maiores se destacaram. Bio, um inadaptado às novas condições, à vida civil, prefere o lazer rural, onde ainda é possível algum simulacro dessa ação. E há os eternos descontentes e os inconformados com a situação, como o velho don Pepe, ou, ao contrário, os eternos situacionistas e adesistas em potencial, que nem o coronel Aristiliano Trindade, que, todos, ainda quando passivamente, participam a seu modo dessa existência transitiva, expectante, impaciente, que domina o livro inteiro.

A vida real e presente — o "presente" de 1895 a 1915 — mas ainda presa por numerosos vínculos ao passado e, no entanto, já invadida pelo futuro, forma a substância deste romance. A ele bem se poderiam associar como simbólicas aquelas palavras sobre o famoso "retrato", ditas por Pepe Garcia no primeiro capítulo: "Quando tive na minha frente o modelo e a tela vazia, pensei: Don Pepe, esta vai ser a grande obra de tua vida. Mas não pintes apenas o corpo de Rodrigo, pinta também sua alma. Não fixes apenas este momento, mas também o passado e o futuro".

Bastando-se embora a si mesmo, *O Retrato* encerra, numa efervescência mal contida, o germe de acontecimentos que só poderão desenvolver-se eficazmente no final do tríptico. E cabe supor que, inserto na unidade mais vasta, ele também participará, embora como contraparte, daquela atmosfera épica de que se impregna o primeiro volume e que, possivelmente, dará ao todo um caráter unitário. A circunstância de situar-se já no corpo deste livro o final sem grandeza de Rodrigo parece indicar uma espécie de seleção negativa, que, reservando para *O Retrato* a nota da dúvida e melancolia, contribuirá para definir seu valor antitético dentro do conjunto.

Tudo isto são imaginações meio proféticas, sem dúvida bastante ridículas e pretensiosas. Mas sugeridas pelo estranho capricho de um autor que, nos campos onde foi Troia, procura implantar uma história destes nossos dias prosaicos e burgueses.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).

